

1. Introdução

*Nas portas desse botequim
Passaram tempos antigos
Passaram sonhos, amigos
Passaram crimes, castigos
Nas portas desse botequim
[...]¹*

Ivan Lins

O mundo capitalista de hoje passa a cada dia por um processo de ampliação exagerada do consumo, ou consumismo. Nesse panorama encontramos um dos caminhos contemplados pelo capitalismo – maior oferta de produtos ou serviços para geração da *mais-valia*. Trata-se de um conceito fundamental da economia política, elaborado por Karl Marx, empregado para designar a distância existente entre o salário pago e o valor do trabalho produzido. Ou seja, *mais-valia* consiste no valor do trabalho não pago ao trabalhador, isto é, a exploração exercida pelos capitalistas sobre seus assalariados. Marx considerava que o valor de toda a mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário para produzi-la. O valor da força de trabalho é definido pelo custo de sua sobrevivência (roupa, comida, transporte, moradia, etc.), e pago em forma de salário. Contudo, o trabalho excedente a esse valor não é revertido para o trabalhador – representa o lucro do capitalista.

Em um mundo onde “[...] *nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*”² ou se copia, uma das saídas da sociedade capitalista é a geração de novas fontes de lucro. A apropriação das culturas populares vem a ser um recurso. Nesse cenário, os espaços populares são transformados em produtos que tenham valor simbólico, que possam de algum modo reverter-se em valor de capital, e venham a ser consumidos por uma parcela mais abonada da sociedade. Esta dissertação faz uso do espaço dos botequins do Rio de Janeiro como objeto de estudo. Logo inicialmente, a historicidade dos botequins e de seus agentes sociais foi analisada, para o entendimento de como surgiram e como eram utilizados esses espaços.

¹ Nesse Botequim, música composta por Ivan Lins, letra completa no anexo.

² Lei da Conservação das Massas, “Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Antoine Laurent de Lavoisier (Paris, 26 de agosto de 1743 — Paris, 8 de maio de 1794).

A seguir, é feita uma análise dos espaços construídos, através das suas diversas configurações. Os conceitos de design vernacular e institucionalizado, simulacro e simulação serão colocados em questionamento.

Os empresários usam a estratégia de se apropriar de algo que já existe, já tem aceitação e está inserido no imaginário popular, para transformá-lo em um *simulacro*³. São acrescentados todos os itens considerados necessários para a efetivação do negócio. Assim, o que era popular é transformado pelo design culto – melhor dizendo, “oficial” ou institucionalizado – em objeto de desejo, em objeto de consumo.

É importante colocar em evidência o fato de que o design dito institucionalizado não está inventando, não está criando algo, apenas transformando o que o design vernacular construiu em um produto com valor de mercado. O design “oficial” corresponde àquele realizado pelos escritórios de design, e representa um campo de produção estruturado e legitimado pelas camadas superiores da sociedade.

Para esta análise foram observados os espaços de alguns botequins localizados no centro, nas zonas sul e norte da cidade do Rio de Janeiro, além de um botequim em São Paulo, como referência de simulacro carioca. Deve-se lembrar que a pesquisa é uma interpretação, pois o entendimento contemporâneo pode não corresponder à época do objeto de estudo.

Como referencial teórico para melhor embasamento das observações sobre os espaços construídos pela cultura popular, foi usado o autor Nestor Canclini. Neste estudo, “design vernacular” será associado a algo nacional, próprio da região. O conceito de simulacro, conforme desenvolvido por Jean Baudrillard, será aqui utilizado para investigar a reprodução e a apropriação da configuração desses espaços populares pelo design do *mainstream*. De acordo com esse autor, em referência ao conceito de simulacro: “[...] não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real [...]”⁴.

³ Conceito definido em BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d’água, 1991.

⁴ BAUDRILLARD, 1991. p. 9.

Na conclusão do capítulo 3, a ideia de hibridação foi analisada segundo a ótica dos autores Nestor Canclini⁵ e Stuart Hall,⁶ que reforçam a ideia de que os espaços não são intocados. Sofrem influência da época e da sociedade em que estão inseridos.

As representações dos espaços do botequim foram abordadas por vários ângulos, através dos espaços construídos, dos artefatos que os representam ou dos seus agentes sociais. As apropriações realizadas pelo design “oficial” são demonstradas através dos espaços e dos objetos por este utilizados. Para melhor entendimento foi feita uma análise de como ocorre esse processo, ou seja, como estão organizadas tais apropriações dentro de um espaço. Neste estudo, o espaço analisado é o do botequim. Milton Santos⁷ fala da importância dos agentes formadores e influenciadores na formação dos espaços. O autor aborda também a importância do tempo na configuração espacial, e sua relação na compreensão do espaço.

O estudo aqui apresentado faz uma análise de como a sociedade contemporânea se apresenta, e como os seus agentes sociais se relacionam com os diferentes espaços. Questiona-se a atual fase de hiperconsumo capitalista e a maneira pela qual os espaços de botequins vernaculares estão sendo apropriados pela nova lógica do mercado de consumo.

⁵ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2000.

⁶ HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. 11ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

⁷ SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.